



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A ESCRITA DO DIÁRIO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO – UMA REFLEXÃO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS

Patrícia da Silva Oliveira

Universidade de Pernambuco Campus Mata Norte
patriciadeoliveira89@hotmail.com

Mônica Maria Gadêlha Gaspar

Universidade de Pernambuco Campus Mata Norte / SEDUC-PE
monicagaspar@gmail.com

Introdução

O presente trabalho traz uma pesquisa em andamento, vinculada ao projeto de iniciação à docência, intitulado *Relatório autobiográfico no estágio supervisionado – uma reflexão sobre as experiências formativas* do componente curricular Estágio Supervisionado na Educação Infantil.

O estágio supervisionado é um componente curricular obrigatório que possibilita aos estudantes estabelecerem relações entre os espaços empíricos (escolares e não-escolares) e as disciplinas curriculares. Essas relações ocorrem por concebermos que o estágio é “um espaço de mediação reflexiva entre universidade, a escola e a sociedade”, em que os envolvidos aprendem e atualizam conhecimentos acerca da docência (PIMENTA, 2008, p. 112).

De modo geral, é solicitado aos estudantes ao final do estágio, a escrita de um relatório que expresse as experiências vivenciadas no campo de atuação profissional. Este relatório se encontra nas dimensões do gênero autobiográfico que se caracteriza pela reflexividade biográfica proporcionada no processo de escrita (GASPAR, 2014). O nosso objetivo no projeto é contribuir com o letramento acadêmico dos alunos orientando-os na escrita de um relatório que possibilite o diálogo entre suas experiências no estágio supervisionado e as teorias apreendidas nos demais componentes curriculares do seu curso.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Assim como Fiad (2011), acreditamos que ao entrar na universidade os alunos estarão frente a múltiplos letramentos e deles deverão se apropriar como autores iniciantes em práticas letradas por eles desconhecidas. Para a escrita do relatório autobiográfico, iniciamos um trabalho com o diário de formação como primeiro exercício de escrita de si por acreditarmos que ele é “uma fonte para trabalhar a consequência entre teoria e prática” (HESS, 2006, p. 93).

Nesse exercício, autor e personagem se entrecruzam no dizer sobre si e sua formação. Uma formação que se dá ao longo da vida com o outro, consigo mesmo e com o mundo (PINEAU, 2006). É a partir do diálogo com o outro que se abre possibilidades de falar e escrever sobre nossas experiências, pois

Os encontros, as leituras se sucedem umas às outras em função de tudo o que ocorria a atualidade pessoal ou social (leitura dos jornais, a investigação no terreno, a visita as livrarias, a confrontação com colegas, a participação nas conferências, etc.). A escrita do diário permite coletar de vez em quando no vivido do dia a dia “instantes” que se vivem e que nos parecem trazer neles uma parte de significado (HESS, 1996, p. 80).

Para vivenciar os “instantes” vividos e expressá-los na escrita, tomamos o grupo reflexivo (PASSEGGI, 2008) como prática de formação e metodologia de pesquisa. O grupo reflexivo de mediação biográfica (GRMB), segundo Passeggi (2008, p. 44), é “grupo de pessoas que reconhecem o seu engajamento num projeto comum de pesquisa-formação através da prática de narrativas autobiográficas” para compreender a si mesmo pela mediação com o outro.

Essa proposta de trabalho parte da ideia de que a reflexão em grupo permite experiências de ordem afetiva, cognitiva, sociocultural, que vão além daquelas de caráter teórico e metodológico, geralmente discutidas nas disciplinas (PASSEGGI, *ibid*).

É com esse pensar que trazemos uma perspectiva de pesquisa que versa pelo dizer dos participantes, expresso na narrativa de seus diários. Nas palavras de Connelly e Clandinin (1990, p. 2), somos narradores e personagens de nossas histórias e das histórias dos outros. Nesse sentido, “o estudo da narrativa é o estudo da forma como os seres humanos experimentam o mundo. Essa noção geral transfere-se para a concepção da educação como construção e reconstrução de histórias pessoais e sociais [...]”.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Neste trabalho, trazemos as inquietações dos alunos acerca da escrita da narrativa do diário no estágio e a contribuição do grupo reflexivo de mediação biográfica trouxe para essa escrita?

2. Metodologia, Resultados e Discussão

Para auxiliar os alunos na escrita de seus diários, adotamos como metodologia de trabalho o grupo reflexivo mediação biográfica (GRMB), por este permitir a expressão de experiências de ordem afetiva, cognitiva e sociocultural. No grupo, há o compromisso de cada um com todos na busca de compreender o processo de (trans) formação, à medida em que ressignifica sua experiência (PASSEGGI, 2008).

Para a análise trouxemos dois encontros dos cinco realizados no grupo reflexivo. Participaram desses encontros cinco alunos do curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco *Campus* Mata Norte, além da professora e monitora do projeto para discutir acerca das atividades desenvolvidas no estágio supervisionado, desde os textos indicados para leitura às produções do diário. As participantes do grupo serão identificadas com nomes próprios fictícios em respeito às suas identidades.

Nesse grupo trouxemos atividades que possibilitaram uma imersão sobre si e o outro, momentos de estar aberta a novas perspectivas entrelaçando passado e presente. Dada a própria situação de escrever sobre si, revelando suas experiências formadoras de forma reflexiva, buscamos aguçar a sensibilidade dos alunos, bem como auxiliar na identificação de elementos linguísticos que caracterizassem esses gêneros.

No primeiro momento, buscamos motivar os alunos a escreverem seu autorretrato com questão “Quem sou eu”, um primeiro ensaio sobre si mesmo. Para auxiliá-los levamos o autorretrato de diferentes autores, atentando para a forma e o conteúdo desse gênero. Durante a apresentação dos autorretratos, percebemos que a forma de escrita, trouxe diversificação, alguns com narrativas descritivas e outros em versos. No que se refere ao conteúdo, houve mais semelhanças, pois, os alunos expressavam a representação de si mesmo.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O próximo passo foi iniciar o registro das experiências do estágio. Para os alunos, a escrita desse gênero ainda trazia dificuldade, pois “A escrita desse diário foi um desafio tanto para mim como para quem estagiou comigo na mesma sala” (TALITA, GR, 04/05/2015).

Diante desse desafio e inquietações dos alunos sobre suas dificuldades em escrever, momento em que as ideias ainda se encontravam prefiguradas (RICOEUR, 1994) e necessitavam ser registradas no papel, tínhamos que buscar outros diálogos.

Ao escrevermos os diários sentimos muita dificuldade em começá-lo, pois não sabíamos por onde começar, quais os caminhos que deveríamos seguir com que objetivo (TALITA, GR, 04/05/2015).

Como fazer? De que forma poderíamos auxiliar as alunas na transição para a configuração dessas ideias? Para nos auxiliar, chamamos Clarice Lispector com o texto *Minha Liberdade é escrever*. Nos diz Clarice que

Existem pessoas que tem o dom de escrever sobre qualquer coisa, a qualquer coisa, a qualquer hora, em qualquer lugar. Outras que nunca sabem como começar e sobre o que começar. Com toda certeza eu sou uma delas. Grande parte das vezes, eu só comecei.

Com essas palavras, ocorreu o encontro do autor do texto com seus leitores possibilitando aos alunos escreverem seus diários, afinal essas dificuldades também foram as de Clarice.

A leitura do texto da autora aliada aos momentos de leitura das alunas que se disponibilizaram ler suas produções, trouxe indícios de que o diálogo no grupo abre outras possibilidades, outras formas de escrever e, conseqüentemente, de se ler enquanto sujeitos das experiências expressas. A fala da aluna Bianca revela um olhar mais atento as características do gênero diário de outros gêneros textuais, segundo ela

No começo eu estava puxando muito para o lado formal, comecei falando da estrutura física da escola, tudo bem formal, depois da sua aula de ontem foi que percebi que, o que eu estava fazendo não era o diário (BIANCA, GR, 31/03/2015).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Percebemos que o olhar nos aspectos linguísticos do gênero diário, principalmente no que se refere a forma de escrita colocada pela a aluna como formal, nos leva a inferir que o diário para a aluna traz elementos mais subjetivos no texto, apontando para uma forma reflexiva.

Sobre a escrita do diário, Zabalza (2004, p. 44) nos diz que

O próprio fato de escrever, de escrever sobre a própria prática, leva o professor a aprender por sua narração. Ao narrar sua experiência recente não só a constrói linguisticamente como a reconstrói como discurso prático e como atividade profissional (a descrição se vê continuamente ultrapassada por proposições reflexivas sobre os porquês e as estruturas de racionalidade e justificação que fundamentam os fatos narrados. Quer dizer, a narração se transforma em reflexão).

Assim como Zabalza (2004) acreditamos que a narração da experiência possibilita a reflexividade do sujeito pela mediação biográfica (PASSEGGI, 2008). As atividades realizadas no grupo reflexivo para escrita do diário foram fundamentais para os alunos se apropriarem dos aspectos teóricos metodológicas da escrita autobiográfica, bem como aguçar a reflexividade através desse exercício de escrita.

3. Considerações

A escrita é um processo que necessita de interlocutores para que o autor passe do estágio de prefiguração para a configuração de suas ideias, ainda mais quando essa escrita versa pela subjetividade do sujeito, uma escrita do eu revelando suas inquietações, desejos e conquistas.

A análise, ainda que preliminar, demonstra que embora os alunos dominem alguns gêneros do discurso, o ensino do gênero acadêmico diário de formação por acontecer em uma situação de escrita no estágio, auxiliou o aperfeiçoamento desse gênero, uma maior atenção na forma e no conteúdo. O que revela a importância do grupo reflexivo de mediação biográfica (GRMB) pela necessidade de espaço que possibilite a interação do grupo buscando alternativas para as inquietações acerca da escrita.

Chama nossa atenção, a dimensão formativa e reflexiva que se desenvolveu através da escrita dos diários, tanto no aspecto do próprio ato de escrever quanto na reflexão da realidade educacional.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Referências Bibliográficas.

CONNELLY, F. M.; CLADININ, D. J. (1990). Stories of experience and narrative Inquiry. *Educational Researcher*, 19 (5), 2-14.

FIAD, Raquel Salek. *A escrita na universidade*. Revista da ABRALIN, v. Eletrônico, n. Especial, 2011, p. 357-369.

GASPAR, Mônica Maria Gadêlha de Souza. *Acompanhamento do Memorial de Formação: entre formar e formar-se*. Tese doutorado UFRN, 2014. 241 fls.

HESS, Remi. Momento do diário e diário de momentos. In: E. C. SOUZA; M. H. M. BARRETO (orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: A invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006, p. 89 -103.

MINAYO, Maria Cecília de S. *O Desafio do Conhecimento*. Pesquisa qualitativa em saúde. 2ª ed. SP: HUCITEC/ RJ: ABRASCO, 1993

PASSEGGI, Maria da Conceição. Mediação Biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador. In M. C. Passeggi (Org.). *Memórias, memoriais: Pesquisa e Formação docentes* Natal, RN:EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008, p. 43-58.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e Docência*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tradução: Constança Marcondes César. Campinas: Papirus, Tomo I, 1994.

ZABALZA, Miguel António. *Diários de aula - Um instrumento de pesquisa e de desenvolvimento profissional*. Tradução: Ernani Rosa. - Porto Alegre: Artmed, 2004.